

# SUMÁRIO

<i>Prefácio à nova edição</i> . . . . .	7
<i>Prefácio à primeira edição (2001)</i> . . . . .	9
<i>Apresentação à nova edição</i> . . . . .	13
<i>Introdução</i> . . . . .	15

## **PARTE 1: 1963-1972**

1 Um estrategista à solta em São Paulo . . . . .	18
2 Do inferno branco à rua do Gasômetro. . . . .	24
3 A sorte está lançada . . . . .	34
4 Circo do romeno pega fogo . . . . .	44
5 Metralha udenista contra a democracia . . . . .	50
6 A voz do povo é a voz de Deus . . . . .	59
7 O calhambeque acelera na Barão de Limeira . . . . .	66
8 Adeus aos mestres . . . . .	74
9 Um tiro na credibilidade . . . . .	81

## **PARTE 2: 1972- 1990**

10 Ali não deixa o NP ir à lona . . . . .	90
11 Nasceu o diabo em São Paulo . . . . .	99
12 Começar de novo... . . . . .	109
13 Mais de mil palhaços no salão . . . . .	121
14 Rei das madames, rainha das santas. . . . .	130
15 Aplicando na poupança dos velhinhos . . . . .	141
16 Saída pela direita . . . . .	149

## **PARTE 3: 1990 – 2001**

17 Tios contra sobrinhos na Boca do Lixo . . . . .	158
18 Pornografia com molho inglês . . . . .	171
19 A volta dos que não foram . . . . .	181
20 Reprovados na escolinha do sexo . . . . .	192
21 Vim, vi, venci e voltei . . . . .	204
22 Martelinho de ouro para salvar o Opalão . . . . .	209
23 O poder do irmão fracote. . . . .	218
24 Um cadáver no quinto andar. . . . .	233

<i>Epílogo – O fantasma das bancas</i> . . . . .	244
<i>Cronologia</i> . . . . .	246
<i>Agradecimentos</i> . . . . .	248
<i>Bibliografia</i> . . . . .	250
<i>Índice onomástico</i> . . . . .	251
<i>Créditos das imagens</i> . . . . .	255



# PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO

**Não tenho muito** a acrescentar ao que escrevi no prefácio para a primeira edição deste livro; mas dez anos são dez anos, e sozinhos acrescentam muita coisa ao que quer que seja.

Ao “mito” do velho *Notícias Populares*, com certeza. A nostalgia por aquele tipo de jornal não foi aplacada nem esquecida com o passar do tempo; em São Paulo, pelo menos, não surgiu nenhum outro veículo impresso que substituísse aquela diária enormidade.

A televisão, entretanto, consolidou em alguns programas de final de tarde (a sina do jornalismo vespertino se repete) o recurso ao noticiário arrepiante, enquanto a sexualidade e o grotesco se combinam nos *reality shows*. O mundo da “sensação”, se quisermos classificá-lo assim, serve-se melhor da TV do que das páginas de um jornal; está morto o NP.

Vive, entretanto, o NP, não só nos capítulos deste livro, que o fixam numa máscara clássica – ao mesmo tempo trágica e cômica –, mas também numa realidade social e política em que, como nunca imaginariam seus diretores e repórteres, a voz dos “de baixo”, sua ascensão ao mundo do consumo (material mas também cultural) passou nestes últimos dez anos a ganhar mais importância. Não graças a um sistema organizado de participação política, mas numa espécie de maré de prosperidade, em que as correntes ocultas e persistentes da barbárie refluem diante do poderes do otimismo e da acomodação.

O deboche e os prazeres que o NP desrecalcava tornaram-se, hoje, explícitos, e o que o NP tinha de exasperado e violento tornou-se, hoje, por vezes banal, por vezes secundário. Para bem e para mal do país, o *Notícias Populares* de alguma forma realizou-se no que tinha de irreal e de verdadeiro, de autêntico e de delirante.

Dizia-se que bastava espremer suas páginas para que delas pingasse sangue. Esprema-se um pouco a realidade de hoje, e dela pingará a tinta do *Notícias Populares*. O livro de Celso de Campos Jr., Denis Moreira, Giancarlo Lepiani e Maik Rene Lima fixou-a, para quem souber ler, nas páginas da história brasileira.

MARCELO COELHO



## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO (2001)

**Basta falar** no *Notícias Populares* – ou NP, para os íntimos – que as pessoas começam a sorrir. Mesmo quem nunca abriu o jornal (precisava abrir?) ainda se lembra de casos como o do bebê-diabo, de algumas manchetes antológicas, como **BROXA TORRA O PÊNIS NA TOMADA**, ou das suas orgiásticas edições de carnaval.

Esse sorriso paira em quase todas as páginas de *Nada mais que a verdade*, e é fácil imaginar quanto Celso de Campos Jr., Denis Moreira, Giancarlo Lepiani e Maik Rene Lima se divertiram ao escrevê-lo. Mas, se tantas vezes o NP transformou tragédias reais em motivo de risada, este livro faz o percurso inverso. Todo o folclore em torno do jornal, que os autores recuperam generosamente, vai aos poucos se cobrindo de melancolia.

O *Notícias Populares* foi fechado em 19 de janeiro de 2001, depois de quase quatro décadas de crimes, sexo, sobressaltos e desatinos. Morte por estrangulamento – cujas circunstâncias, nada simples, os autores expõem com clareza e inconformismo.

Publicado pela empresa Folha da Manhã, o *Notícias Populares* representou um tipo de jornalismo quase diametralmente oposto ao exercido pela *Folha de S.Paulo*. No começo da década de 1990, acompanhei os esforços para compatibilizar o estilo do NP com os padrões de credibilidade e relevância pública que, havia tempo, a *Folha* conseguira atingir.

Mas é como se o abismo entre as duas publicações se alargasse cada vez mais. A audácia e a modernidade, valores cruciais para o desenvolvimento da *Folha*, não eram suficientes para funcionar como parâmetros unívocos num jornal como o *Notícias Populares*: tanto quanto romper com o moralismo e o preconceito, podiam desembestar em abjeção.

Ao mesmo tempo, a *Folha* sempre soube equilibrar-se entre dois polos estratégicos: voltou-se simultaneamente para o “público” e para o “mercado”. Ou seja, tratou de corresponder tanto ao que cada um de nós tem de consumidor quanto ao que cada um de nós tem de cidadão.

Já o leitor do *Notícias Populares* pertencia à larga massa dos brasileiros que são quase consumidores e quase cidadãos. O lado do cidadão, detentor de

direitos, no NP se traduzia em outra figura: a da vítima – fosse ela o inocente fuzilado, o policial morto em serviço, o ladrão torturado pela polícia, o trabalhador atingido pelos planos econômicos, o aposentado desservido pelo governo. O lado do consumidor, no NP, transmutava-se também em outra coisa: o *voyeur*, atendido pelas fotos de belas mulheres, pelas notícias bizarras, pelos escândalos e fofocas de TV.

Valores defendidos pela *Folha*, como o fortalecimento da sociedade civil, o antiautoritarismo, a transparência no governo, a privatização, a diminuição das desigualdades sociais, têm correspondência clara com os conceitos de “público” e de “mercado”. Creio que, desse modo, os excessos de “esquerdismo” ou de “direitismo”, de leveza e de sisudez, de privatismo e de petismo como que se corrigem mutuamente a cada edição do jornal.

No *Notícias Populares* durante muito tempo vigoraram outros mecanismos de autocorreção; moralismo e sexo conviviam, assim, com o conservadorismo e a “defesa do trabalhador”. A cena contada neste livro, de Jean Mellé submetendo a manchete do jornal à aprovação do contínuo, talvez simbolize o tipo de “autorregulação” vigente nos tempos áureos do NP: uma autorregulação empírica, assim como a vendagem nas bancas no dia seguinte, em oposição àquela ideológica, teórica e formalizada em manual, em vigor na *Folha*.

Nos anos 1990, uma nova geração de jornalistas, como ocorrera uma década antes na própria *Folha*, assumia o posto que fora de Jean Mellé e de Ebrahim Ramadan. Escaldados pelos anos da transição democrática e pelo sucesso do Projeto Folha, é como se no NP aqueles jovens saídos do movimento estudantil e da militância de esquerda do final da década de 1970 encontrassem, numa forma agônica e lancinante, o mundo do “trabalhador”, a violência da “repressão”, o ideal “libertário” e a prática “radical”, agora destituídos de sentido, de doutrina, de disciplina partidária; o respaldo das massas se traduzia nos números da tiragem; instaurava-se um radicalismo de mercado, por assim dizer.

O que estava longe de ser uma traição, note-se, ao modelo de Jean Mellé, igualmente submisso à vendagem de cada dia; mas o antigo NP era curiosamente coerente do ponto de vista político, já que um projeto de jornalismo

popular anticomunista tinha apenas de oferecer ao povo “aquilo que o povo quer”, ou seja, zero de política e máximo de escape, desde que com drama.

Difícil avaliar se as mudanças dos anos 1990 abreviaram ou prolongaram a vida do jornal. Certamente, não conduziram ao que se pretendia. Mas representaram uma renovação muito grande na linguagem do NP, arregaçando o que havia de artesanal no modelo anterior. Ao mesmo tempo que acentuavam até um *point of no return* o sensacionalismo e a apelação, conquistavam um leitorado jovem, debochado, nada sentimental, que imagino tinha pouco em comum com o leitor dos velhos tempos.

Com vinte e poucos anos de idade, Celso de Campos Jr., Denis Moreira, Giancarlo Lepiani e Maik Rene Lima pertencem a uma terceira geração, a desses leitores jovens que o NP dos anos 90 conquistou. Quando eu tinha vinte anos, aí por 1979 ou 1980, certamente já achava graça no NP, mas não estaria disposto a desconsiderar a função alienante e despolutizadora que o jornal exercia.

Mas como desprezar o NP? Impossível não gostar dele: é o *id*, tumultuário e desregrado, de todo jornalista que se acha responsável e prudente.

É muito interessante para mim ver como essa nova geração encara o NP. O sorriso com que os autores deste livro acolhem as realizações de Jean Mellé e de Ebrahim Ramadan está longe de ser acrítico; veem, entretanto, como folclore, como sinal de um jornalismo romântico e ingenuamente absurdo o que seria simplesmente impensável em qualquer redação hoje em dia. Invencionices como as histórias da Loira Fantasma, do Vampiro de Osasco, do bebê-diabo são lembradas neste livro com um misto de humor e consternação. O texto é quase reverente, e nessa quase reverência está toda a sua ironia.

O tom se torna bem mais amargo à medida que o livro se aproxima do fim. O envolvimento, o afeto dos autores com relação ao *Notícias Populares* não perdoa a direção da empresa que o fechou tão bruscamente, ainda que fiquem claras as razões dessa decisão.

Celso, Denis, Giancarlo e Maik veem o *Notícias Populares* como um jornal *cult* – o que ele já era, creio, antes mesmo que a palavra fosse inventada. Mas não só isso: no que tinha de precário, de folclórico, e também de cruel e condenável, parece estar o registro de uma época menos metódica, mais

### Prefácio à primeira edição (2001)

incorreta, do jornalismo. Talvez eu desconheça até que ponto uma pessoa de 20 anos, hoje, está confrontada com um mundo de regras bem mais estritas e com uma vida profissional muito mais competitiva do que acontecia há duas ou mais décadas. O gosto pelo *trash*, pelo humor, pelo fantasioso, assim como um misto de pragmatismo e candura, de desencanto e sentimentalismo, de anticapitalismo e desideologização dão o tom deste livro. É um tom afetuoso, mesmo quando quer ser contundente.

O pessoal da *Folha*, que corresponde ao meu lado nessa história, é bastante criticado; claro que não me sinto bem com isso. Mas sabemos que tudo tem dois lados, como diria o Voltaire de Souza, que deixa aos autores do livro um grande abraço.

MARCELO COELHO

Jornalista e membro do Conselho Editorial da *Folha de S.Paulo*

## APRESENTAÇÃO À NOVA EDIÇÃO

**Depois dos** impecáveis prefácios de Marcelo Coelho, não há o que acrescentar senão algumas lembranças de um jornal que foi fenômeno de vendas e também de cumplicidade entre os leitores e o próprio jornal.

*O tempo ficou longe; presente ficou a memória.*

Não é sempre que um trabalho de conclusão de curso de jornalismo se transforma em livro, ainda mais com segunda edição.

Não menos raro é conseguir esgotar, em aproximadamente 250 páginas, o nascimento, vida e morte de um jornal.

Este é o trabalho dos jornalistas Celso de Campos Jr., Denis Moreira, Giancarlo Lepiani e Maik René Lima, uma detalhada e exaustiva reportagem. Com certeza um livro para todos os estudantes e professores de jornalismo.

Nos quase quarenta anos de vida do *Notícias Populares*, tive o privilégio de ser seu editor por quase vinte. Esse foi o desafio que os meus colegas tinham dúvidas que eu pudesse enfrentar, já que minha formação profissional teve suas bases, com profundas raízes, na *Folha de S. Paulo* e no *Jornal do Brasil*.

*O tempo ficou longe; presente ficou a memória.*

P. S.: “Fazer um bom jornal com muito dinheiro, qualquer colegial faz. Difícil é um bom jornalista fazer um bom jornal com pouco dinheiro”. (Assim me ensinou, entre muitas outras lições, Octávio Frias de Oliveira.)

E B R A H I M   A L I   R A M A D A N



# INTRODUÇÃO

**Para qualquer jornal**, a busca de uma identidade com os leitores é indispensável. Em momentos de crise, o elo com o público é o único fator que possibilita a sobrevivência de uma publicação, por mais derrapante que seja a conjuntura econômica, política ou social. Quando se trata de um jornal popular, então, essa cumplicidade se torna absolutamente imprescindível. A relação com o leitor das camadas mais baixas, mais do que em qualquer outro segmento de mercado, tem de ser da mais absoluta fidelidade e transparência. O leitor depende do jornal, e nele deposita cegamente sua confiança; enganá-lo é assinar o próprio atestado de óbito. É por esse lema que o jornalismo popular deve se orientar.

Durante quase quatro décadas, o paulistano *Notícias Populares* teve público cativo. Mesmo convivendo com a pecha de sensacionalista, suportando o preconceito de todo o jornalismo dito sério e recebendo a mais diversa gama de ataques e acusações, o jornal manteve tiragens elevadas, que em muitas ocasiões batiam as das grandes publicações. Trouxe inovações jornalísticas que os outros veículos foram obrigados a imitar mais tarde, como a cobertura maciça da vida de artistas e uma atenção especial à economia popular, privilegiando sindicalistas e aposentados. Teve altos e baixos, como qualquer outro produto informativo, mas sempre procurou manter uma relação de proximidade com seus leitores. Quando se distanciou dessa proposta, começou o ocaso.

As páginas deste livro procuram contar essa história de amor e ódio. De um veículo a serviço da direita, comandado por um romeno perseguido pelo regime comunista, passando por um editor que dedicou integralmente duas décadas de vida à publicação e por uma traumática sucessão, a publicação atingiu seu crepúsculo com a queda vertiginosa nas vendas e na credibilidade. Chegou às bancas pela última vez em janeiro de 2001, sem que muitos se dessem conta – travestida em uma publicação amorfa, virou presa fácil para a voraz concorrência.

A seguir, nada mais que a verdade sobre o *Notícias Populares*.

**1963**

**PARTE 1**

**1972**

# 1 UM ESTRATEGISTA À SOLTA EM SÃO PAULO

**No bairro do Brás**, ninguém jamais ouvira um sotaque como aquele. Imigrantes não faltavam naquela região, babel de italianos, portugueses, espanhóis, turcos e libaneses. Mas, como aquele sotaque, nunca. Pelas vielas do bairro, os moradores acompanhavam os passos da intimidadora figura de 1,90 metro, que parecia crescer em progressão geométrica à medida que se aproximava do interlocutor. Nenhum deles achou por bem perguntar ao sisudo indivíduo a origem de tão estranha mistura de sons; era melhor apenas ajudá-lo a encontrar o endereço que procurava. Afinal, o ano de 1963 estava só começando, e não valia a pena correr o risco de não viver para ver as pernas de Claudia Cardinale, prestes a entrar em cartaz nos cinemas paulistanos com o filme *O leopardo*. Assim, de indicação em indicação, o grandalhão finalmente chegou ao sobrado de número 425 da rua do Gasômetro, sede da *Gazeta Mercantil*. Na recepção, anunciou sua intenção de falar com o proprietário, Herbert Levy, que também acumulava a presidência da União Democrática Nacional (UDN) e uma cadeira na Câmara dos Deputados.

A visita, porém, seria breve. Nem bem entrou, o misterioso homem foi obrigado a dar meia-volta e volver. Naquele momento, a secretária de plantão tinha mais chances de marcar uma audiência com o papa do que com o parlamentar paulista. A agenda do empresário e político mal tinha espaço para reuniões com companheiros udenistas de palanque como Carlos Lacerda e Magalhães Pinto; que dizer então de horários para um sujeito que parecia ter cabulado as aulas de português? Mesmo assim, o visitante fez questão de se apresentar e deixar um recado. Chamava-se Jean Mellé, era jornalista e precisava falar com urgência com Levy. Não quis adiantar o assunto: preferiu apenas ressaltar a importância de um encontro entre os dois. Era questão de segurança nacional, acrescentou, com o olhar fixo na secretária.

Despediu-se da atônita senhora, pegou sua pasta e desceu com firmeza as escadas. Em pouco tempo, Mellé já alcançava a calçada do Cine Glória, a alguns metros dali. Estava consciente de que precisaria de um pouco de paciência e boa dose de cara de pau para conseguir uma reunião com Levy. Queria oferecer ao político o projeto de criação de um jornal popular, mas só poderia revelar o assunto pessoalmente. Não que o plano fosse ultrassecreto ou coisa parecida. Nada disso. Sabia apenas que jamais conseguiria agendar uma reunião se o dono da *Gazeta Mercantil* tivesse conhecimento de que o tema da discussão seria o financiamento de um novo produto editorial. Por maior que fosse a alma de empresário embutida no corpo esguio do paulistano, Mellé não poderia contar com o instinto capitalista de Levy na ocasião. Afinal, toda a UDN estava arrepiada com o suposto noivado entre o presidente João Goulart – o Jango – e as lideranças comunistas. Caso o casamento se consumasse, de nada adiantaria ter dinheiro no Brasil.

O jornalista, porém, estava confiante. Precisava somente de uma oportunidade para convencer o experiente político de que sua publicação vinha a calhar naquele momento. Apostava tanto no projeto que, alguns meses antes, havia pedido demissão do *Última Hora* para dedicar-se exclusivamente à nova criação. Seu trunfo seria provar a Herbert Levy que o jornal poderia tornar-se um grande aliado na guerra política, uma arma importante contra a ameaça vermelha que tanto procuravam combater. E tinha certeza de que o veterano político, com a experiência de ter comandado mais de 5.800 homens na

Revolução Constitucionalista de 1932, jamais recusaria essa estratégia de combate. Afinal, o tempo estava correndo contra os conservadores.

No início da década de 1960, o Brasil era um barril de pólvora prestes a explodir. O pacto populista, que legitimava o controle político do Estado por meio de uma relação paternalista com as camadas populares urbanas, estava seriamente ameaçado pela desaceleração da economia. A industrialização iniciada no Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, a partir de 1956, havia se encerrado, e um de seus resultados mais evidentes fora a diferenciação social nas cidades – que, inevitavelmente, trazia consigo um conflito de interesses e a iminência de um enfrentamento de classes.

Com a crise econômica, os setores populares da sociedade, semi-integrados no processo político a partir da Consolidação das Leis do Trabalho, realizada em 1943 por Getúlio Vargas, tornavam-se uma ameaça às camadas dominantes. As reivindicações operárias colocavam em xeque o já agonizante esquema populista, exigindo reformas que certamente romperiam o tênue equilíbrio da época. Para os nababos da indústria, nada poderia ser mais atemorizante do que um redirecionamento político dos operários, uma classe fundamental como mercado consumidor e mão de obra, porém com alto potencial destrutivo quando alinhada no campo oposto do jogo do poder.

A partir de 1961, a situação agravou-se: os salários reais passaram a cair, a inflação disparara, as greves dos trabalhadores eram cada vez mais frequentes. Para piorar, o ressurgimento da questão agrária, introduzida na segunda metade dos anos 1950 pelas Ligas Camponesas, destruíu outro alicerce do pacto populista, recolocando os trabalhadores do campo na vida política brasileira. Além disso, a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, e a conturbada posse de João Goulart, realizada com grande apoio da população, deixaram os conservadores de cabelo em pé: o fantasma das massas voltava a assombrar os palacetes da elite nacional.

Era difícil prever o destino do enorme contingente popular no complexo momento político brasileiro da época. Mas sabia-se que os trabalhadores eram o curinga da ocasião: quem conseguisse seu apoio comandaria a partida. Aqueles que conspiravam contra Jango tinham claro que dificilmente